

A MATRIZ GESTO-FALA EM AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM: OBSERVANDO O DIÁLOGO EM MANHÊS

Marianne C. B. Cavalcante –UFPB

Estruturando Noções Fundamentais...

Partilho da premissa de que gesto e fala formam um conjunto que não pode dissociar-se. Esta perspectiva se baseia na concepção de que o funcionamento da língua é sempre multimodal (MCNEILL, 1985).

A perspectiva de McNeill (1985) propõe que gesto e fala se encontram integrados numa mesma matriz de produção e significação, afirmando que "a ocorrência de gestos ao longo da fala implica que durante o ato de fala dois tipos de pensamento, imagístico e sintático, estão sendo coordenados". Isto é, são constitutivos de um único sistema lingüístico.

Kendon (2000) afirma que a investigação sobre gestos dentro de uma perspectiva lingüística pouco se desenvolveu e, com a reorientação da Lingüística ocorrida sob a influência de Chomsky, que trouxe os estudos lingüísticos para uma espécie de ciência mental, fez com que os aparentes e desaparecidos interesses no estudo da linguagem gestual fossem novamente reunidos enquanto um tópico de inquirição (KENDON, 1982). E, sendo uma real consequência da análise da língua enquanto parte de uma ciência mental, com ênfase nos estudos dos processos cognitivos, hoje são revigorados os estudos dos gestos por parte daqueles que se interessam pelo estudo da língua. Assim, se a língua é posta como uma atividade cognitiva e, se as expressões gestuais estão intimamente envolvidas em atos da expressão lingüística falada, então parece razoável observar os gestos mais aproximados do campo das atividades cognitivas. Isto fundamenta uma nova forma de pôr e analisar a questão do relacionamento existente entre os gestos e a língua (cf. KENDON, op. cit. p. 49).

Percebe-se que Kendon (op. cit.) situa o estudo dos gestos enquanto atividade cognitiva. Apesar da relevância dos trabalhos pioneiros do autor e do enfoque cognitivista a eles atribuído, nesta pesquisa privilegiaremos uma perspectiva interacionista¹; nesta direção há pesquisas como a de Laver (2001).

Laver (op. cit.) ressalta a importância do gesto no processo interativo. De acordo com o autor, ao analisarmos qualquer comportamento comunicativo, é fundamental que compreendamos a relação entre abstrações idealizadas da intenção comunicativa e as variações das realizações físicas detalhadas de cada indivíduo e entre indivíduos. Ou seja, a diferença entre o que foi idealizado para a comunicação e o que realmente acontece. Destacando que, embora haja gestos comuns a uma comunidade falante, tais gestos variam de pessoa para pessoa e há, ainda, fatores intrapessoais que afetam cada indivíduo e precisam ser considerados quando se faz uma descrição de uma interação.

Buscando uma definição para gesto, McNeill (2000, p. 1) afirma ser este um termo que necessita de explanação, uma vez que não temos **gesto** no singular, mas **gestos**. Ele afirma que prefere o termo no plural, pois há diversos momentos em que precisamos distinguir movimentos corriqueiramente nomeados de gestos. Assim, o autor apresenta um contínuo para vários movimentos chamados de gestos, elaborado por Kendon (1982) e é conhecido como o "contínuo de Kendon"².

¹ Como destaca Morato (2004), na lingüística a noção de interação é bastante polissêmica. Na aquisição da linguagem, temos desde uma vertente caracterizada pelos trabalhos de Vygotsky (1979) e Bruner (1975, 1983), privilegiando o aspecto da mediação e a natureza das atividades interativas na relação adulto-criança; até o interacionismo representado pelos trabalhos de De Lemos (1992, 1995), que contempla a interação como o espaço da estrutura em que comparece a criança como sujeito falante, o outro como representante da língua e própria língua em funcionamento.

² "Kendon's continuum".

Os gestos que formam este contínuo são: a gesticulação; a pantomima; os emblemas; a(s) língua(s) de sinais. A gesticulação, caracterizada como os gestos que acompanham o fluxo da fala, envolvendo braços, movimentos de cabeça e pescoço, postura corporal e pernas, possui marcas da comunidade de fala e marcas do estilo individual de cada um; a pantomima são gestos que ‘simulam’ ações ou personagens executando ações, é a representação de um ato individual, tem um caráter de narrativa, pois envolve uma seqüência de micro ações; os emblemas ou gestos emblemáticos são aqueles determinados culturalmente (são convencionais), tais como o uso, em nossa cultura, do gesto que envolve a mão fechada e polegar levantado significando aprovação; a língua de sinais enquanto sistema lingüístico próprio de uma comunidade, no nosso caso, a LIBRAS³.

Kendon (1982) organiza seu contínuo a partir de quatro relações estabelecidas entre gesto e fala: relação com a produção de fala (1); relação com as propriedades lingüísticas (2); relação com as convenções (3), relação com o caráter semiótico (4), conforme tabela a seguir:

	Gesticulação	Pantomima	Emblemáticos	Língua de sinais
Contínuo 1	Presença obrigatória de fala	Ausência de fala	Presença opcional de fala	Ausência de fala
Contínuo 2	Ausência de propriedades lingüísticas	Ausência de propriedades lingüísticas	Presença de algumas propriedades lingüísticas	Presença de propriedades lingüísticas
Contínuo 3	Não convencional	Não convencional	Parcialmente convencional	Totalmente convencional
Contínuo 4	Global e sintética	Global e analítica	Segmentada e analítica	Segmentada e analítica

Se analisarmos os tipos de gestos dentro dos contínuos da esquerda para a direita (Gesticulação – Pantomimas – Emblemáticos - Língua de Sinais) percebemos que: a presença obrigatória de fala diminui; a presença de propriedades lingüísticas aumenta; os gestos individuais são substituídos por aqueles socialmente regulados.

Como se observa, há muito a dizer a respeito da relação gesto e fala enquanto matriz de significação, discussão que vem se colocando para a Lingüística a partir do momento em que a fala e a oralidade têm se destacado nas pesquisas atuais.

A Relação Gesto e Fala em Aquisição da Linguagem: Construindo o Estatuto Lingüístico desta Matriz

Na aquisição da linguagem, autores como Bruner (1975, 1983) dedicaram-se ao estudo da relação entre gesto e fala, mas concebendo-o como modalidades comunicativas de períodos distintos na aquisição da linguagem. Assim, o uso do gesto seria característico do chamado período pré-lingüístico da criança e desapareceria em função da emergência da fala, do sistema lingüístico.

Partindo do princípio de que, desde o nascimento, a criança está inserida em eventos comunicativos com o(s) adulto(s) que a cerca(m) e, através dele(s), vai aprendendo a expressar seus desejos, bem como a entender os desejos dos outros, mesmo quando ainda não domina as formas lingüísticas, Bruner (1975; 1978; 1983) introduz a noção de intersubjetividade, representada pelo termo “*joint activity*” e “*shared attention*” – *atenção conjunta ou conjugada, atividade partilhada*, entre a criança e o outro, seu parceiro interativo. A concepção de intersubjetividade⁴ refere-se à função de “acordo” entre os sujeitos falantes. Privilegiando a

³ Língua Brasileira de Sinais.

⁴ Diferente de Bruner, não trabalhamos com a noção de intersubjetividade, pois na relação mãe-bebê há sujeitos supostos ‘a mãe’ e o ‘bebê’ sustentados pela dialogia que se estabelece desde o nascimento,

intersubjetividade, Bruner acompanha longitudinalmente algumas díades mãe-criança, em situações espontâneas, filmando-as com *videotape* (uma novidade tecnológica de que dispôs na época), o que possibilitou uma análise cuidadosa dos seus dados. Em suas análises, ele observa, primeiramente, que a mãe sempre infere as intenções do bebê, procurando dar significado a todas as suas ações. Em seguida, observa o alto grau de standardização, pela mãe, de algumas formas de atenção conjugada com a criança, que ajudam a criança a interpretar seus sinais, gestos e intenções.

Com relação aos períodos pré-lingüístico e lingüístico, Bruner defende a hipótese da continuidade estrutural entre a comunicação pré-verbal e a verbal, afirmando que os comportamentos sociais do bebê são precursores da linguagem verbal. Segundo o autor, a criança, antes de ter a competência de enunciar uma sentença, necessitaria de incorporar um conhecimento implícito construído no nível do ‘comportamento ostensivo’, não-lingüístico, em que gestos são interpretados pelo adulto como significativos. Assim, os comportamentos sociais do bebê seriam precursores do aparecimento da linguagem.

Nessa perspectiva, o balbucio, os gestos e as holófrases garantiriam o lugar dos itens lexicais e das categorias gramaticais maduras da língua (sujeito – verbo – objeto). Com o conceito de *format*, que resume algumas regularidades sociais presentes nos eventos de rotina da criança (a hora do banho, das refeições, das compras, ou de atividades de leitura), o autor hipotetiza que as atividades entre a mãe e a criança exerceriam uma função pragmática, e as séries de ações rotinizadas favoreceriam uma base sólida para a aquisição de linguagem.

Porém, o problema com a proposta de Bruner é que é muito difícil apresentar evidências lingüísticas de continuidade desenvolvimental entre ação conjunta e sistemas lingüísticos de caso e transitividade. Desta maneira, seu argumento de que a continuidade estrutural é explicada através da apreensão gradual, pela criança, dos esquemas de ação e atenção conjugados perderam forças e o autor passa a optar por uma “visão facilitativa”, na qual a interação social deixa de ser constitutiva da gramática, para assumir um papel facilitador, através do qual a criança apreende a gramática mais cedo. O processo de facilitação social foi denominado por Bruner (1975) de *andaimagem*, e ilustrado com interações estruturadas, como nos jogos de rotina, entre outras atividades, em que o(s) adulto(s) ajuda(m) a criança a construir gradativa e progressivamente enunciações mais formais e efetivas.

Há críticas a esta perspectiva facilitativa de Bruner (1975, 1983) apresentadas em De Lemos (1986), mostrando que o autor defende um ‘interacionismo fraco’ no qual o papel do adulto interlocutor na dialogia é de detentor da língua a ser apreendida pela criança. E acrescenta que, desde o surgimento da perspectiva interacionista, o foco de análise deixou a criança e passou à relação dialógica. Entretanto, o rumo desse interacionismo, muitas vezes, caminhou para uma concepção facilitativa ou facilitadora, na qual o adulto seria o provedor do “input” e mediaría essa aquisição.

O problema com a maioria das teorias que estudam a interação é que embora mostre que a transmissão cultural ocorre como parte de uma interação mútua, privilegiando o processo, o resultado final é que a criança parece **aprender** ações apropriadas culturalmente diretamente dos seus interlocutores (CAVALCANTE, 1999).

Além disso, um outro equívoco da perspectiva de Bruner é conceber a língua enquanto sistema puramente gramatical, logo a passagem do que ele denomina de *formats* para as categorias lingüísticas torna-se inviável. Há pois a necessidade da mudança da própria noção de língua. Fazer isso é conceber a língua enquanto funcionamento, isto é, no sentido de que ela é uma prática discursiva na qual os sujeitos se constituem e, ao mesmo tempo, garantem o seu lugar de falantes. E tal funcionamento se presentifica tendo como materialidade o uso da língua a partir de práticas sociais como por exemplo, no uso dos gêneros discursivos⁵. Assim, há a

quando a mãe, supõe o bebê como interlocutor e fala “como se” fosse ele, numa fala que denominamos “atribuída”.

5 Tomamos aqui a noção de Bakhtin (1979: 301): [os] gêneros do discurso nos são dados quase como nos é dada a língua materna, que dominamos com facilidade antes mesmo que lhe estudemos a gramática. Os gêneros do discurso organizam nossa fala da mesma maneira que a organizam as formas gramaticais. (...)

possibilidade de articular a matriz gesto e fala em aquisição da linguagem, nas interações mãe-bebê.

A Gestualidade na Aquisição da Linguagem: Focalizando o Apontar

Outros autores, além de Bruner, nos últimos anos também se dedicaram à relação entre gesto e fala no processo de aquisição da linguagem, muitos deles enfatizando um gesto específico – o apontar. A literatura em aquisição da linguagem, no que se diz respeito à atividade referencial, destaca o gesto de apontar como o mais explícito comportamento gestual, utilizado pela criança para fazer referência a um dado objeto no mundo (BATES, O'CONNELL & SHORE, 1987).

Alguns autores como Werner e Kaplan (1963), preocuparam-se em analisá-lo numa perspectiva ontogenética, detendo-se nas suas origens. Segundo Werner e Kaplan (op. Cit.), existem dois meios para se expressar a referência: o gestual-motor e o articulatório vocal. No gestual-motor, o comportamento referencial emerge dentro de situações pragmáticas em atos como os de pegar objetos. De forma análoga, no meio vocal, a função referencial emerge através de expressões que demonstram esforço vocal em direção a um objeto: sons “gritados”. Para eles estas formas comunicativas, apontar e expressões vocais, emergem juntas de uma mesma matriz e gradualmente se diferenciam.

Há pesquisas que vinculam a ontogênese do apontar à emergência de alguns termos na língua como ‘dêixis’ e ‘atos de fala’ (BATES, CAMAIONI & VOLTERRA, 1987). Esta perspectiva concebe a vinculação deste e de outros gestos, no período de transição para a linguagem, como precursores dos performativos da língua (declarativos e imperativos). Tais gestos recebem a seguinte nomenclatura: *protodeclarativos* e *proto-imperativos*. Os denominados *protodeclarativos* são caracterizados quando a criança destaca um objeto no mundo para seu parceiro. Os *proto-imperativos* são caracterizados quando a criança usa o adulto para obter um dado objeto. A emergência de gestos protodeclarativos e proto-imperativos é notada quando a criança começa a entender que suas próprias ações não são a origem de todos os eventos no mundo.

A caracterização destes comportamentos gestuais como *protodeclarativos* ou *proto-imperativos* estão inseridos no ato interativo. Segundo Dore (1979), sua caracterização é determinada a partir da interpretação dada pelo parceiro adulto ao comportamento gestual deflagrado pela criança. Desta forma, o "status" do comportamento deflagrado vai depender da interpretação que o adulto der a ele.

Seguindo uma perspectiva interacionista, desenvolvi uma pesquisa discutindo a natureza do gesto de apontar na aquisição da linguagem⁶ (CAVALCANTE, 1994). O objetivo consistia na compreensão do gesto de apontar enquanto elemento dêitico fundamental no estabelecimento da referência lingüística nas interações mãe-criança. Assim, através de uma investigação longitudinal acompanhei uma díade mãe-bebê ao longo dos primeiros vinte e quatro meses de vida da criança, percorrendo desde o uso assistemático do gesto de apontar e a emergência de ‘morfologias gestuais’, até sua ritualização, visando à topicalização de referentes na dialogia mãe-bebê⁷.

Outros trabalhos, como os vinculados ao grupo de pesquisa de McNeill (GOLDIN-MEADON, 1993; 2000), têm desenvolvido pesquisas visando a confirmar a hipótese de que gesto e fala constituem uma matriz de significação. Pesquisas como as de Butcher e Goldin-Meadow (2000), Goldin-Meadow (1993), Goldin-Meadow, Alibali e Church, (1993) e McNeill (1985; 2000) têm estabelecido um novo olhar no que diz respeito ao uso e ao papel do gesto na

Se não existissem os gêneros do discurso e se não os dominássemos, se tivéssemos de construir cada um de nossos enunciados, a comunicação verbal seria quase impossível.

⁶ O Gesto de apontar como processo de co-construção na interação mãe-criança. Dissertação de mestrado inédita. UFPE, Recife, 1994.

⁷ Neste trabalho defendia a hipótese de uma anterioridade gestual, isto é, o gesto de apontar teria um estatuto pré-lingüístico. Atualmente, partilho da hipótese de que o gesto (o apontar e os demais) é lingüístico, daí adotar a noção de ‘matriz gesto e fala’.

linguagem e, em especial, na aquisição. Como se observa, há muito a compreender sobre a relação entre gesto e fala em aquisição da linguagem.

Com o intuito de compreender o funcionamento da matriz gesto-fala tendo o lócus mãe-bebê como unidade de análise, busco demonstrar como o estabelecimento da unidade dialógica, que se dá a partir dos momentos de *face a face*, passando pela *atenção conjunta* e todo este percurso sustentado pela fala em *manhês* propiciam a entrada no funcionamento subjetivo sustentado pela língua em uso. Tomar a dialogia como subjetiva envolve concebê-la, no início, como um núcleo indissociável e é esta noção que nos permitirá construir o conceito de matriz relacional⁸ mãe-bebê, que colocamos a seguir.

A Matriz Relacional Mãe-Bebê: Um Caminho Metodológico para Entender as Primeiras Interações

Tomamos por base o primeiro ano de vida da criança para compreendermos a construção dessa matriz. É neste período, principalmente nos primeiros meses, que ‘mãe-bebê’ se constitui como unidade relacional, que pode ser visualizada na chamada fala atribuída. Este tipo de fala sempre foi relacionada a uma atividade de identificação entre mãe e bebê, mas nunca analisada mais atentamente, à exceção de Rubino⁹ (1989). Esta autora centra-se na ação interpretativa materna sobre o comportamento espontâneo do bebê, afirmando que esta ação é mediada pela(s) imagem(s) que a mãe faz do bebê enquanto interlocutor, afirmando que

a construção de uma matriz dialógica, na qual mãe e bebê se tornam objetos um para o outro, é de crucial importância na transformação do conjunto de representações do bebê pela mãe (Rubino, 1989, p. 131).

Assim, para ocupar o papel de mãe, esta necessita criar manifestações de subjetividade por parte do bebê. Esta subjetividade criada pela mãe faz do bebê um interlocutor representado através do que a autora concebe como *pseudo-diálogo*: diálogo ilusório configurado pela ação interpretativa da mãe sobre o fluxo do comportamento espontâneo do bebê (Rubino, 1989, p. 10).

A instauração da especularidade materna, através do *pseudo-diálogo*, traz a possibilidade de configurar a relação mãe-bebê, desde o seu início como uma de constituição subjetiva. Para nós, este tipo peculiar de fala configura-se como uma tomada de posição da mãe em relação ao bebê, isto é, uma eleição do bebê como interlocutor pela voz materna. Já que a fala ainda não é possível ao bebê, principalmente nos primeiros meses, a mãe dá voz ao comportamento corporal e/ou vocal do infante. Esta atividade interpretativa materna traz no seu bojo algumas questões que merecem análise, como a relação de indiferenciação entre mãe e bebê nos primeiros meses e o caráter especular desta dialogia.

É neste contexto que Bergés & Balbo (1997) vão construir o conceito de *matriz relacional*, conceito que adotamos como unidade de análise, ao afirmarem que a díade mãe-bebê só pode ser vista enquanto unidade, dado o grau de interdependência. Esta interdependência, no entanto, não significa eternizar uma simbiose mãe-bebê, até porque, nesta dialogia, transformações ocorrem, ao longo do tempo, que vão permitir a passagem da matriz mãe-bebê para a interação entre a mãe e o bebê, e neste processo evidenciamos a subjetivação acontecer.

Para dar conta desta passagem da matriz relacional, precisamos compreender o que há nela, isto é, como se organiza, tópico este que discutiremos a seguir.

A Entrada na Constituição Dialógica

⁸ Para uma discussão ampliada a respeito do conceito ‘matriz relacional’, remeto a Cavalcante & Naslavsky (2009).

⁹ A noção de matriz dialógica de Rubino é a que mais se aproxima da noção de matriz relacional que adoto neste artigo.

Posso dizer que o diálogo em aquisição da linguagem se dá a partir do momento em que a mãe supõe o bebê como um interlocutor, para isso, um funcionamento relacional passa a se estabelecer a partir da constituição daquilo que a literatura denomina de ‘face a face’, que consiste em situações nas quais mãe e bebê interagem olhando um para o outro e que podem ser seguidos por troca de sorrisos, produções vocais, movimentos faciais, etc. (CAVALCANTE, 1994). Estas situações são sustentadas pela fala em ‘manhês’, caracterizada como um tipo de fala dirigida à criança cujas modificações prosódicas mais frequentes são: frequência fundamental mais alta, âmbito de altura maior, preferência por certos contornos (sobretudo os tons ascendentes), uso de falsetto, cadência mais lenta, partes sussurradas do enunciado, duração prolongada de certas palavras, mais de um acento frasal, etc. (CAVALCANTE, 1999: 47).

Dentro deste contexto em ‘face a face’, o uso do ‘manhês’¹⁰ traz à tona aquilo que denomino de ‘fala atribuída’, que consiste na atribuição de voz ao bebê, quando a mãe fala “como se fosse o bebê” (CAVALCANTE, 1999). Tal funcionamento é iniciado muito antes de qualquer intenção propriamente comunicativa do bebê, no momento em que o bebê tem o seu lugar de interlocutor marcado na fala materna - quando esta fala como se fosse o bebê. Aqui a mãe põe em evidência a própria criança, no papel de locutor, ao atribuir-lhe “voz”. O fragmento a seguir¹¹ demonstra esse papel de intérprete materno, em que é possível observar no uso do manhês a atribuição de fala ao bebê.

Face a Face.... Fala Atribuída em Manhês.... Iniciando a Interlocução... Constituindo a Dialogia

Fragmento 1

A mãe está colocando o bebê (1 mês e 5 dias) na banheira, que enquanto era despido chorava incessantemente.

	Mãe	Bebê
1	é nenê, hum/olha. olha a aguinha! aguinha!	o bebê é colocado na água bem devagar, sua posição é de tensão corporal, membros inferiores e superiores rígidos
2	(registro baixo, próximo ao cochicho) aguinha. aguinha olha! aevagarzinho, olha!	
3	(falsete – mais agudizada e volume baixo) eita qui aguinha gostosa, mãe! vche, mãe!	quando faz xixi e a mãe o tira da água por alguns segundos o bebê permanece quieto observando

Neste fragmento, a mãe faz um convite ao bebê nos turnos 1 e 2 e, logo em seguida, marca o lugar discursivo do bebê atribuindo-lhe uma interpretação possível no turno 3: a de que o bebê poderia achar a água do banho agradável. Porém, o comportamento do bebê (posição corporal de tensão, contração dos membros inferiores e superiores, expressão facial contraída) é diverso do discurso a ele atribuído. Mesmo assim, a atribuição de satisfação se faz presente, numa atribuição, na verdade, muito mais materna do que do bebê, o que não impede esta fala de

¹⁰ Em outros trabalhos (CAVALCANTE, 1999, 2009) faço referência às falas presentes no manhês, que caracterizam momentos na constituição subjetiva da díade, tais como: a fala atribuída, a fala recortada, a fala ritmada e a fala enfática).

¹¹ Todos os dados deste artigo fazem parte do corpus do LAFE – Laboratório de Aquisição da Fala e da Escrita da Universidade Federal da Paraíba.

funcionar como sendo de um outro – do bebê. Assim, a atividade especular¹², própria da díade mãe-bebê, e representada na eleição pela mãe do bebê como um interlocutor desde o nascimento - como nas produções maternas, quando a mãe fala "como se"¹³ fosse o bebê - caracteriza, então, um momento único em que o lugar dialógico do bebê é manifesto.

Dialogando... Articulando Olhar e Fala ...

Fragmento 2

Contexto: Mãe e bebê (8 meses e 8 dias) estão na sala, deitados no chão.

Mãe	Bebê
1 cadê mamã? ôpa! (olhando para o bebê)	
2	(olha para a mãe)
3 cadê mamai? psiu! (aproxima o seu rosto ao do bebê)	
4	(continua olhando para a mãe)
5 (sussura) cadê mamã?	

Neste fragmento, mãe e bebê interagem tomando como foco do olhar um ao outro. Desse modo, ocorreu o momento de 'face a face', no qual um estabeleceu contato de olhar com o outro. Aqui, o diálogo se estabelece através da troca de olhares e de postura corporal, no caso a mãe aproxima o bebê de seu rosto, aliado à produção verbal materna, sustentada pelo troca de olhar entre ela e o bebê. Articulando, assim, gesto e fala na dialogia.

Num funcionamento estruturado a partir da ritualização do 'face a face', em outro momento, o diálogo mãe-bebê passa, aos poucos, a ter como foco de atenção tópicos externos, isto emerge nas atividades de atenção conjunta, que como já disse, consistem em "interações sociais nas quais a criança e o adulto prestam conjuntamente atenção a uma terceira coisa, e à atenção um do outro à terceira coisa, por um período razoável" (TOMASELLO, 2003, p. 143). Assim, na relação dialógica, há a inserção da atenção conjunta.

A Atenção Conjunta se Estabelecendo no Diálogo... Centrando num Tópico Externo.

Fragmento 3

Contexto: Mãe e bebê (11 meses e 23 dias) brincando sentados no chão do quarto.

Mãe	Bebê
1 di quem é essa casinha aqui? (olha para o bebê)	
2	(olha para a mãe)
3 oh! di quem é? (aponta para a casinha de isopor que está sobre a mesa, ao seu lado)	
4	(segue o apontar da mãe e olha para a casinha de isopor)

O fragmento acima apresenta uma cena de atenção conjunta construída em torno do objeto 'casinha de isopor'. A mãe chama a atenção da criança através da fala: "Ó! Di quem é?" e do gesto de apontar (turno 3). O bebê, então, olha para o objeto destacado pela mãe, consolidando assim a cena de atenção conjunta. Nesta situação, gesto – apontar¹⁴ - e fala estão constituindo o turno dialógico, estruturando o diálogo num outro plano: ter como tópico objetos

¹² "Especular" aqui é utilizado tal como propõe De Lemos (1986).

¹³ Termo já utilizado por Lyra & Rossetti-Ferreira (1989). Denomino este tipo de funcionamento como 'fala atribuída'.

¹⁴ O apontar é concebido como o mais explícito gesto para estabelecimento da referência em aquisição da linguagem, tendo inclusive uma morfologia própria desde seu uso inicial até sua convencionalização (CAVALCANTE, 1994).

que circundam a díade. Do ponto de vista da classificação gestual de Kendon (2000), há aqui a presença do gesto emblemático, aquele culturalmente determinado.

Aos poucos, outras situações típicas da língua em funcionamento começam a se fazer presente, sustentadas pela matriz relacional estruturada, isto é, sustentada pela fala em manhês e pelo estabelecimento do face a face.

A Pantomina...

Fragmento 4

Contexto: Mãe com um brinquedo na mão simula falar com o pai do bebê.

Mãe

Bebê

(com brinquedo simulando telefone na orelha)

1 alô! papai?! tudo bem?

2

(bebê coloca a mão aberta na orelha imitando um telefone e balbuciando 'AAAH'!).

Aqui há uma fala atribuída materna, quando a mãe fala ao telefone como se fosse o bebê e, imediatamente a este turno a criança assume seu lugar de falante (turno 2), entrando no jogo da pantomima proposta pela mãe para se inserir no gênero telefonema. Aqui também há um funcionamento gesto – pantomima – e produção verbal, que garante o reconhecimento sócio-histórico do gênero discursivo.

Trago ainda um momento que se presentifica na interação mãe-bebê, fruto de uma história dialógica em que a língua se materializa sob a forma de um gênero do discurso.

A Contação de Histórias... Presença dos Gestos Emblemáticos... o Apontar....

Fragmento 5

Contexto: bebê (16 meses) sentado no chão folheia livro de histórias.

Mãe

Observa o bebê

Bebê

(com o livro no chão folheando-o, aponta com o dedo indicador tocando na página do livro) e vocaliza 'Óooh'! olha para câmera de filmagem e em seguida para mãe

Nesse fragmento há a materialização do gênero contação de histórias, tendo o bebê como aquele que inicia a interlocução e convidando o(s) outro(s) (mãe e câmera) a partilhar desta leitura, através do apontar – gesto emblemático e caracterizado culturalmente como dêitico, referenciando a página do livro, seguido da vocalização e do estabelecimento da atenção conjunta, através do olhar do bebê dirigido à câmera e, em seguida à mãe.

Tal como destaca Bakhtin, o gênero se constitui sócio-historicamente, assim, a criança não cria o gênero contação de histórias, mas o atualiza na sua prática discursiva, funcionando como um falante.

Algumas Considerações...

Percebe-se, através da observação dos fragmentos apresentados de díades mãe-bebê, que os gêneros primários vão se estabelecendo ao longo da história dialógica, a partir de um funcionamento lingüístico multimodal em que gesto e fala formam o todo discursivo, possibilitando a emergência destes gêneros de primeira ordem, com base no estabelecimento da

unidade dialógica, por meio do manhês e da fala atribuída, e inserido nas cenas de atenção conjunta.

Encerro este artigo destacando o papel primordial da mudança de perspectiva da noção de língua – de sistema para prática discursiva multimodal. Tal movimento possibilita compreender o processo de aquisição da linguagem, de fato, como a inserção do *infans*¹⁵ na língua, desde o berço, a partir de sua suposição como sujeito falante pelo outro materno. E, sustentado por peculiaridades próprias da interação mãe-bebê como a fala em manhês, dissolve alguns pressupostos dados pela literatura em aquisição da linguagem, a saber: a distinção entre o período pré-verbal e verbal e a dificuldade de perceber o estatuto lingüístico do(s) gesto(s), já que a língua era vista como sistema de categorias, tal como propunha Bruner (1983). Desta forma, a unidade lingüística ‘gênero discursivo’ torna-se fundamental para garantir este olhar sobre a língua multimodal e os sujeitos envolvidos nesta dialogia.

Referências

- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: Estética da Criação Verbal. São Paulo: Martins Fontes, 1979.
- BATES, E.; CAMAIONI, L. e VOLTERRA, V. (1979). The Acquisition of Performatives Prior to Speech, In E. Ochs e B.B. Schieffelin (orgs.) *Developmental Pragmatics*. London, Academic Press, 1979.
- BRUNER, Jerome. The ontogenesis of speech acts. In: *Journal of child language*. Vol. 2 N° 1. Cambridge: Cambridge University Press, 1978.
- _____. *Childs Talk*. Oxford University Press, 1983.
- BUTCHER, C.; GOLDIN-MEADOW, S. Gesture and the transition from one-to-two-word speech: when hand and mouth come together. In: D. MCNEILL, (ed.) *Language and gesture*. Spain: Cambridge University Press, 2000.
- CAVALCANTE, M. C. B. *O gesto de apontar como processo de co-construção nas interações mãe-criança*. Dissertação de Mestrado. UFPE, 1994.
- _____. *Da voz à língua: a prosódia materna e o deslocamento do sujeito na fala dirigida ao bebê*. Tese de Doutorado. IEL/UNICAMP, 1999.
- _____. Rotinas interativas mãe-bebê: constituindo gêneros do discurso. In: *Revista Investigações Lingüísticas e Teoria Literária* em n°. especial em homenagem a Luiz Antônio Marcuschi, Vol 21, no. 2, 2008 – Lingüística, (a sair).
- _____. & NASLAVSKY, J. P. N. A matriz inicial da subjetividade tendo como *locus* a dialogia do/no manhês. In: BRIAN, A. P.; SILVA, M. & LYRA, M. *Microgênese: Estudo do Processo de Mudança*. São Paulo, ARTMED, 2009 (a sair).
- CLARK, E. V. From Gesture to Word: On the Natural History of Deixis in Language Acquisition. In: J. S. Bruner e A. Garton (eds.) *Human Growth and Development*. Oxford: Clarendon Press, pp. 85-117, 1978.
- DE LEMOS, C. T. G. Interacionismo e aquisição de linguagem. *Revista D.E.L.T.A.* Vol. 2. São Paulo: Editora da PUC-SP, 1986.
- _____. Los procesos metafóricos y metonímicos como mecanismos del cambio. *Substratum*, vol.1, n. 1, 1992.
- _____. Língua e discurso na teorização sobre aquisição da linguagem. *Letras de Hoje*, n°. 4, 1995.
- GOLDIN-MEADOW, S. When does gesture become language? A study of gesture used as a primary communication system by deaf children of hearing parents”. In: K.R. GIBSON & T. INGOLD (eds), *Tools, Language and Cognition in Human Evolution*. Cambridge, England: Cambridge University Press, 1993.
- GOLDIN-MEADOW, S., ALIBALI, M., CHURCH, R.B. *Transitions in concept acquisition: Using the hands to read the mind*. *Psychological Review* 100 (2): 279-297, 1993.
- GOLDIN-MEADOW, S., WEIN, D. & CHANG, C. *Assessing knowledge through gesture: Using children's hands to read their minds*. *Cognition and Instruction* 9 (3): 201-219, 1992.

¹⁵ Aquele que não fala, ainda não é um falante.

- KENDON, A. *The Study of Gesture: some remarks on its history*. *Recherches sémiotiques/semiotic inquiry* 2: 45-62, 1982.
- _____. *Language and Gesture: Unity or Duality?* In D. MCNEILL, (ed.) *Language and Gesture*. Cambridge University Press: Cambridge, UK. p. 47-63, 2000.
- LAVIER, J. *The Gift of Speech*. *Papers in the Analysis of Speech and Voice*. Edinburgh: Edinburgh University Press. pp. 235-264, 1991.
- _____. *Unifying principles in the description of voice, posture and gesture*. In: CAVE, C.; GUAITELLA, I. *Interactions et comportement multimodaux dans la communication*. Paris, L'Harmattan, 2000.
- _____.; TRUDGILL, P. *Phonetic and linguistic markers in speech*. In: SCHERER, K.R. - GILES, H. (Eds), *Social Markers in Speech*. Cambridge- Paris: Cambridge University Press - Éditions de la Maisons des Sciences de l'Homme. pp. 1-32, 1979
- _____. ; HANSON, R. *Describing the normal voice*. In: DARBY J, (ed.) *Evaluation of speech in psychiatry*. New York: Grune and Stratton, 51-78, 1981.
- MARCUSCHI, L. A. *Oralidade e Letramento como práticas sociais*. In: MARCUSCHI, L. A e DIONISIO, A. P. (Orgs.) *Oralidade e Escrita*. Belo Horizonte, Autentica/MEC/CEEL, 2005.
- MCNEILL, D. *So you think gestures are nonverbal?*. *Psychological Review*. Vol 92(3) 350-371, Jul., 1985.
- _____. *Introduction*. In: MCNEILL, D. (ed.) *Language and Gesture*. Cambridge University Press, Cambridge, UK, 2000.
- MORATO, E. M. *O interacionismo no campo lingüístico*. In: MUSSALIM, F. ; BENTES, A. C. (Orgs.). *Introdução à lingüística: fundamentos epistemológicos*, Vol. 3. São Paulo: Cortez, 2004.
- TOMASELLO, M. *Origens Culturais da Aquisição do Conhecimento Humano*. Tradução: Cláudia Berliner. Martins Fontes – São Paulo: 2003.
- _____. *Understanding the self as social agent*. In: P. Rochat, ed., *The Self in Early Infancy: Theory and Research*, 449-460. Amsterdam: North Holland-Elsevier, 1995.
- TOMASELLO, M., & TODD, J. *Joint attention and lexical acquisition style*. *First Language*, 4, 197-212, 1983.
- WERNER, H. ; KAPLAN, B.. *Symbol Formation*, USA: Clark University, 1963.